

A VIDA FELIZ: UMA REFLEXÃO SOBRE A CONCEPÇÃO DE FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO

THE HAPPY LIFE: A REFLECTION ON THE CONCEPTION OF HAPPINESS IN SAINT AUGUSTINE

LA VIDA FELIZ: UNA REFLEXIÓN SOBRE EL CONCEPTO DE FELICIDAD EN SAN AGUSTÍN

Mário Norberto da Costa Júnior¹
Luís Fernando Lopes²

Resumo

O ser humano busca a felicidade, está na sua essência essa procura; por isso a importância de investigar ainda hoje esse tema. O presente artigo é fruto da análise e reflexão sobre a obra de Santo Agostinho que trata a temática da felicidade, intitulada *De Beata Vita*. Fruto da investigação bibliográfica dessa obra e de outras que versam sobre essa questão, o objetivo principal é analisar a obra em tela, buscando compreender qual a base do conceito de felicidade nesse filósofo e qual a sua aplicabilidade nos dias de hoje. Para tanto, faz-se um apanhado dos principais fatos da vida de Agostinho de Hipona, seguido por um breve esboço dos pressupostos da filosofia agostiniana. Também se desenvolve, na sequência, uma análise do livro *De Beata Vita*, finalizando com a relação dos principais tópicos tratados, além de algumas aplicações dos conceitos apresentados.

Palavras-chave: Felicidade. *Eudaimonia*. Deus. Agostinho.

Abstract

The human being seeks happiness, this search is in our essence; thus, it is important the investigating this topic even today. This article is the result of analysis and reflection on the work of Saint Augustine that deals with the theme of happiness, entitled *De Beata Vita*. As a result of the bibliographic investigation of this work and others that deal with this issue, the main objective is to analyze the work on screen, seeking to understand the basis of the concept of happiness in this philosopher and its applicability today. To this end, an overview of the main facts of the life of Augustine of Hippo is made, followed by a brief outline of the assumptions of Augustinian philosophy. An analysis of the book *De Beata Vita* is also developed next, ending with a list of the main topics covered, in addition to some applications of the concepts presented.

Keywords: Happiness. *Eudaimonia*. God. Augustine.

Resumen

El ser humano busca la felicidad; está en su esencia esa procura; de allí la importancia de investigar, todavía en los días de hoy, sobre ese tema. El presente artículo es fruto del análisis y reflexión acerca la obra de san Agustín que trata sobre la felicidad, cuyo título es *De Beata Vita*. Fruto de la investigación bibliográfica de esa obra y de otras que tratan la cuestión, el objetivo central es analizar la obra mencionada, buscando comprender la base del concepto de felicidad en ese filósofo y su aplicabilidad en los días actuales. Para ello, se presenta una visión general de la vida de Agustín de Hipona, seguida de una breve reseña de los presupuestos de la filosofía agostiniana. También se presenta, a seguir, un análisis del libro *De Beata Vita*, y se finaliza con una relación de los principales tópicos tratados, además de algunas aplicaciones de los conceptos estudiados.

Palabras-clave: Felicidad. *Eudaimonia*. Dios. Agustín.

¹ Discente do curso de filosofia do Centro Universitário UNINTER. E-mail: mjr2001@gmail.com .

² Docente do Centro Universitário UNINTER. Coordenador do Curso de Filosofia. E-mail: filosofiaead@uninter.com.

1 Introdução

Nos dias atuais, mesmo diante da revolução tecnológica e da abundância de opções de escolha de produtos para satisfação pessoal, uma temática sempre vem à mente: a felicidade. Muitos afirmam que desejam ser felizes, que querem alcançar a felicidade, ou que já são pessoas felizes, completas. Para aqueles mais atentos a essa questão, apresenta-se a indagação: o que é a felicidade? Ela existe ou é apenas uma invenção das agências de publicidade?

Buscando respostas para essas e outras inquições correlatas, o presente estudo se debruçou sobre o período da História da Filosofia chamado de Patrística, investigando especificamente a obra *De Beata Vita*, de autoria do grande teólogo de Hipona, Santo Agostinho. Para tanto, tomou-se como questão base: Qual é a noção de felicidade desenvolvida por Agostinho de Hipona na obra citada e quais as possíveis aplicações desse conceito nos dias de hoje?

Conforme exposto acima, essa temática ganha relevância em razão de que o ser humano, ao longo de toda a História, sempre buscou a felicidade como fim de suas ações. Ainda hoje, toda a interação on-line e até o trabalho excessivo têm como um fim a satisfação “plena” para alcance da felicidade. Entretanto, toda essa busca não vem oferecendo o fruto esperado. Ainda há muito a se aprender sobre tal tema, e a exposição das respostas dadas na Antiguidade pode ser um ponto de partida para uma reflexão e compreensão mais abrangente e profunda daquilo que proveu conforto e guia a muitos ao longo dos séculos.

Para tanto, estabeleceu-se o objetivo de estudar a obra *De Beata Vita* de Agostinho de Hipona, buscando compreender qual a base do conceito de felicidade nesse filósofo. Isso será possível ao se conhecer um pouco da história do autor, analisar a obra em tela e fazer aplicações da concepção agostiniana de felicidade ao viver contemporâneo.

Finalmente, convém destacar que este é um estudo bibliográfico, o qual tomou como fundamento a obra *De Beata Vita* de Santo Agostinho, além do uso de fontes secundárias como obras de comentadores do teólogo hiponense, artigos on-line, além de outras fontes eletrônicas. A pesquisa organiza-se em três fases: Primeiramente se apresenta uma breve biografia de Agostinho de Hipona, além das bases de sua filosofia. Posteriormente faz-se uma análise da obra em questão e, finalmente, uma aplicação, para a nossa época, das ideias estudadas.

2 Biografia de Agostinho de Hipona

Considerado por muitos como um dos grandes intelectuais da fé cristã, *Aurelius Augustinus Hipponensis*, ou mais abreviadamente Agostinho de Hipona, nasceu em Tagaste, na atual Argélia, no ano de 354 da Era Cristã. Criado como cristão por sua mãe Mônica no Norte da África, durante a juventude, enquanto estudava em Cartago, ficou insatisfeito com a aparente ingenuidade das Escrituras cristãs. Em busca de uma religião digna de um filósofo, tornou-se seguidor dos maniqueístas, seita fundada pelo profeta Mani, crucificado na Pérsia em 277.

Embora, segundo suas Confissões, o tempo que passou em Cartago e nas proximidades, estudando e depois ensinando, tenha sido bastante licencioso, aos 18 anos, foi morar com a mãe de seu filho, Adeodato. Não se sabe a razão pela qual nunca se casaram. Talvez ela fosse escrava, caso em que o casamento seria proibido pela lei romana. Em 384 a família mudou-se para a Itália, onde Agostinho entrou em contato com o neoplatonismo que, vencendo sua relutância, ajudou a convencê-lo a se reconverter ao cristianismo em 386.

No período que compreende o mês de novembro de 386 a janeiro de 387, Agostinho, sua mãe Mônica, seu filho Adeodato, seu irmão e primos Alípio, Licencio e Trigêncio retiraram-se para uma pequena propriedade em Cassiciaco, próxima ao lago Como, nos Alpes Italianos, para um retiro filosófico (BROWN, 2006, p. 132). Após esse período de reflexão, na primavera de 387, Agostinho é batizado em Milão.

Ele retornou à África do Norte em 391, agora preparado para uma vida de celibato, tornando-se presbítero e, mais tarde, bispo de Hipona. Fundou uma comunidade de discípulos em sua cidade natal, Tagaste, na Numídia. O Doutor da Graça morreu aos 75 anos em agosto de 470, mesmo ano em que a cidade esteve cercada por vândalos e, em seguida, foi saqueada. Santo Agostinho possui uma vasta obra literária, chegando a inacreditáveis 230 obras. As mais conhecidas são a sua autobiografia, as Confissões (400 d.C.) — em que narra sua vida pecaminosa e a descoberta de Deus — e a Cidade de Deus (413-426 d.C.), sua descrição do estabelecimento do reino divino. Entre outras, citam-se ainda: *Contra os Acadêmicos* (386 d.C.), *Solilóquios* (387 d.C.), *Do Livre Arbítrio* (388-395 d.C.), *De Magistro* (389 d.C.), *Espírito e Letra* (412 d.C.), e *As Retratações* (413-426 d.C.).

3 Bases da Filosofia Agostiniana

Diferente de Platão, Agostinho não construiu um sistema filosófico completo, ainda que as ideias básicas se mantenham constantes e acusem um claro predomínio platônico. Ele percebia na ação filosófica a possibilidade de solucionar os problemas da vida, sendo o Cristianismo o elemento solucionador por completo das questões levantadas por essa

ação. Daí que sua reflexão parte sempre da vida: das coisas que passam ao seu redor, das ideias dominantes, dos ataques contra a fé, da interioridade da sua alma.

Embora suas teorias filosóficas geralmente se misturassem com as teológicas — levando em consideração que este era o pensamento corrente na Patrística, segundo a qual a Filosofia era tida como serva da Teologia — a atitude investigativa de Agostinho assumiu, a partir da *eudaimonia*, uma ideia de felicidade baseada na beatitude.

O núcleo em torno ao qual gravitam todas as suas reflexões tem como base o conceito de beatitude. O problema da felicidade constitui para Agostinho toda a motivação do pensar filosófico

“[...] o homem não tem razão para filosofar, exceto para atingir a felicidade (Cidade de Deus) [...] a filosofia é, assim, entendida como disciplina que coloca problemas à estrutura do universo físico ou à natureza dos deuses, mas como uma indagação sobre a condição humana à procura da beatitude” (PESSANHA, *In*: AGOSTINHO, 2004, p. 12-13)

Santo Agostinho demonstra a manifestação do sagrado, de Deus, no ser humano e em toda a natureza: a *hierofania*. A revelação de Deus no ser humano dá-se de forma plena já que Deus é “Aquele que é”. Esta teoria tem uma implicação muito forte neste período e vai exercer grande influência na formação do pensamento franciscano mais tarde. Ao longo de sua vida, o doutor de Hipona escreveu muitas obras acerca de como o ser humano deve se relacionar com Deus e de como chegar à felicidade plena através desta busca e da aceitação ou não da manifestação Dele em cada um. Mas não só escreveu como também viveu esta busca. Ao longo do livro “Confissões” o autor, entre outros temas, apresenta a história de sua vida e conta como saiu dos pecados mundanos para seguir a Deus e alcançar a felicidade plena. Felicidade que reside no encontro subjetivo com Deus.

Convém destacar ainda que o pensamento agostiniano envolve áreas como a epistemologia, na qual o conhecimento verdadeiro é fruto da iluminação divina, a metafísica, cujo fundamento está em Deus como livre criador de tudo e na existência do mal como fruto da desobediência humana. Também é importante citar suas ideias sobre a ética, fundamentada na relação do indivíduo com Deus e o próximo, sendo o amor a maior de todas as virtudes. Por último, no que se refere à História, o Doutor da Graça se destaca pela concepção de que a realidade possui um começo e uma finalidade (*telos*), ficando evidente a possibilidade da intervenção divina em qualquer momento. Esses pressupostos orientam a forma de Santo Agostinho fazer a sua filosofia e teologia.

4 A felicidade no *De Beata Vita*

Durante sua estada em Cassiciáco, mais precisamente durante a comemoração do seu aniversário, Agostinho e seus amigos empreenderam um debate sobre o tema da felicidade. Daí a razão de a obra posteriormente receber o nome de “*De Beata Vita*” (Vida Feliz). Utilizando uma linguagem filosófica forte e figuras extraídas da “gastronomia”, o diálogo conduz à compreensão de que a verdadeira felicidade só pode ser encontrada na verdade divina em união com Deus.

Esse diálogo é a segunda obra escrita por Agostinho durante seu retiro em Cassiciáco (a primeira foi *Os Solilóquios* e a última *Contra os Acadêmicos*). Dedicado a seu amigo e mestre Teodoro, o diálogo se apresenta como uma discussão na qual Agostinho desempenha a função de mestre e sua mãe Mônica, seu irmão Navígio, seu filho Adeodato e seus primos Lastidiano e Rústico fazem o papel de dialogadores. Souza (2001, p. 39) diz que o diálogo é usado como um “artifício pedagógico” para expor o pensamento sobre a Vida Feliz.

A estrutura da obra é bem simples, está dividida em três partes, ou seja, os três dias de festejo do aniversário de Agostinho. Inicialmente se faz uma introdução e se apresenta a metáfora da navegação, a qual é usada para destacar que a filosofia é o porto que conduz à felicidade na vida. Nessa viagem se apresentam três tipos de navegantes: os que buscam a sabedoria, mas se afastam um pouco, os que buscam e se afastam completamente e aqueles que estão no meio termo entre essas opções.

Em um segundo momento, são expostas as etapas do itinerário filosófico de Agostinho que envolveu: a busca da beatitude – o encontro com Cícero; leitura das Escrituras; maniqueísmo; astrologia; ceticismo e platonismo. Por último, aprofundando-se na temática da beatitude, são apresentados os colóquios sobre a vida feliz.

4.1 A alegoria da navegação

Logo no início do diálogo, Agostinho usa a alegoria da navegação. Ele afirma que seria “possível atingir o porto da Filosofia — único ponto de acesso à região e à terra firme da vida feliz” (AGOSTINHO, 1998, p.117). Esta ilustração era muito conhecida no Mundo Antigo, por conta do diálogo Fédon, do filósofo Platão, que a usa para ensinar a descoberta da realidade superior ao mundo sensível. O próprio Agostinho deixa claro que o porto representa a Filosofia e que a terra firme e a felicidade são o ponto desejado para o término da viagem.

Um pouco mais à frente, o autor dedica a obra a Teodoro, mostrando por meio da figura da navegação qual o caminho para chegar à felicidade.

“Suplico-te, pois, em nome de tua virtude, por tua bondade e pelos vínculos e relações que costumam unir as almas, estender-me a mão. Quero dizer: estima-me e, em troca, crê que eu te estimo e que me és muito querido. Se obtiver o que desejo, bastar-me-á um ligeiro esforço para atingir, sem dificuldade, aquela vida feliz, a qual já desfrutas, como penso”. (AGOSTINHO, 1998, p. 122).

O caminho seguido por Agostinho também fora percorrido pelo próprio Teodoro. Este assunto é digno de escrutínio, por ser um “dom dado por Deus” (1998, p. 122). Vale a ressalva que Teodoro foi mestre, grande amigo e conselheiro para Agostinho. Isso fica claro na afirmação:

“Tua eloquência não me intimida, pois não posso temer o que amo, embora não possa atingir a tua medida. Menos ainda temo, na verdade, a tua alta posição (*fortuna*). Elevada que seja, aparece-te ela como coisa secundária. Ao passo que seria suficiente para tornar plenamente felizes aqueles a quem ela subjuga. Peço-te, agora, prestar atenção ao que te vou expor”. (AGOSTINHO, 1998, p. 123)

Na alegoria, fica evidente que, ao se lançar ao mar, o qual é tempestuoso, o ser humano é deixado à existência com seus temores. Contudo, o barco quer voltar à terra firme, o que é garantido pelo porto da filosofia. Inequivocamente, Agostinho, no início de sua vida cristã, valoriza profundamente o conhecimento filosófico. Mas fica claro que isso será recorrente no pensamento agostiniano, tendo em vista que nas *Confissões*, ele afirmou que “o único motivo que leva o homem a filosofar é o desejo de ser feliz” (AGOSTINHO, 2004, XIX, pag. 133).

Segundo o autor, existem três tipos de navegantes. Primeiramente aqueles que tendem à felicidade pelo conhecimento. Agostinho refere-se a pessoas que, ao ter a prudência de procurar a felicidade desde a juventude, são felizes por atingirem-na logo (AGOSTINHO, 1998, p. 118).

Em segundo lugar estão aqueles que tentam encontrar a felicidade com paixão em caminhos falsos. Esses voltam a si mesmos quando sofrem os golpes das provas, às vezes trágicas, decorrentes da busca pela beatitude por essa via (AGOSTINHO, 1998, p. 118).

Alguns ficam no meio termo entre as duas formas de busca acima citadas, titubeiam entre os dois caminhos, pois mesmo estabelecendo a meta de sua busca, desse alvo ficam distantes, vagando ao longe ao mesmo tempo em que avistam o porto para onde deveriam rumar (AGOSTINHO, 1998, p. 118).

Aparentemente, usando essa ilustração, Agostinho faz uma comparação com os conflitos internos vividos na existência humana. Isso tudo é constante em uma vida de

inquietação, de busca do sentido da vida realizada pelos filósofos. Daí que o porto é o ponto de saída e de chegada. Afinal, onde está a verdade? Nas coisas terrestres? Divinas? Nos prazeres?

O comentador de Agostinho, Etienne Gilson, faz uma interpretação dessa questão:

“...dos que assim tendem à felicidade pelo conhecimento, alguns têm a prudência de procurá-la desde a juventude e têm a felicidade de a atingirem logo; outros, ao contrário, tentam encontrá-la com paixão em vias falsas e só voltam a si mesmos sob o golpe de provas por vezes trágicas; outros, enfim, sem mostrar nem tal prudência, nem essa loucura, desde a juventude, fixam os olhos no fim a atingir e, ao mesmo tempo que vagam ao longe, voltam os olhos para ele; em meio a ondas, estes guardam as lembranças da tão doce pátria onde terminarão por abordar um dia” (GILSON, 2006, p. 70).

O próprio Agostinho continua afirmando que a todos aqueles que buscam a felicidade surge um obstáculo que consiste no orgulho e a paixão da vanglória (AGOSTINHO, 1998, p. 118). Este tema do orgulho e da vanglória é recorrente na obra agostiniana, desempenhando um papel fundamental em sua filosofia, na medida em que o orgulho é o que impede os homens de alcançarem o fim (o *telos*) da sua existência, que é a Vida Feliz, a beatitude.

Por meio dessa ilustração fica patente que aqueles que desejam a sabedoria, não podem ter como “porto seguro” o orgulho, honra e glória. Ou seja, estes sentimentos não podem ser os motivadores na busca da verdade. Estes apenas conduzirão a uma ilusão e perda do caminho para a vida feliz.

Fica evidente que a alegoria da navegação introduz os convidados de Agostinho no contexto da busca da felicidade e do seu entendimento como um dom divino. Dessa forma, fica evidente que a felicidade não é mais uma conquista humana, mas uma busca na interioridade, na alma, na qual existe a possibilidade de resposta.

4.2 Colóquio do primeiro dia

Ao iniciar o primeiro dia de debates, Agostinho levanta frente aos seus convidados a questão de serem os mesmos compostos de alma e corpo (1998, p. 124).

É uma pergunta que faz menção ao dualismo alma e corpo, há muito desenvolvido no sistema filosófico platônico, e que Idalgo Sangalli comenta:

“No conjunto do seu pensamento [Agostinho], percebe-se a prioridade do ser humano como alma que, unida a um corpo, dele se apodera, usa e governa. Não é a simples unidade de duas partes, formando uma terceira. O corpo também irá ter o seu lugar futuro, segundo o plano divino na ressurreição. Mas o essencial e a verdade estão na alma, como o próprio processo de interiorização vai revelar. Assim a alma, além de ser a porta para a felicidade, o caminho pelo qual nos reencontramos mediante os

sinais estabelecidos para nossa *peregrinatio*, como encarnação de Cristo, ela também é um dos pilares de sustentação da filosofia cristã”. (SANGALLI, 1998, p. 157-158).

Essa afirmação de Agostinho tem seu fundamento no neoplatonismo e na filosofia de Plotino. A Alma cria a matéria e não tem sua realidade independente. Entretanto, no diálogo fica evidente que o doutor hiponense mostra que não é pelas coisas materiais, mortais, percíveis e caducas, ligadas ao que é corporal, que se atinge a felicidade, e sim naquela parte do homem que é a alma. É nesse ponto que se comprova a importância primordial de se definir a constituição humana, pois a alma nesse ponto do diálogo é caminho e porta para a vida feliz.

Avançando, o autor faz uso de outra analogia, esta vez de um banquete, demonstrando que o ser humano está em constante busca; assim como o corpo está sempre à procura de alimento, a alma também necessita de alimento, o qual Agostinho indica ser o conhecimento (1998, p. 125). Da mesma forma que uma pessoa que não come morre de inanição, uma alma sem sabedoria enfraquecerá até a morte.

Nessa parte, ao falar dos alimentos da alma, para melhor esclarecimento da exposição, Agostinho, como um bom gramático de sua época, procede a uma análise etimológica dos termos *frugalitas* e *nequitia*. *Nequitia* aparece como condição humana de vício, contrária à condição virtuosa (*frugalitas*)³. Esse último termo, por sua vez, vem de outro, *frux*, que significa fruto. O fruto mostra a fecundidade da alma, onde nasce a virtude da temperança. Esta virtude se opõe ao vício que é esterilidade e o desaparecer, ou seja, o nada (*nihil*) de onde vem nequícia (*nequitia*) (1998, p. 125). Desde já fica o indício de que o bem supremo, o qual almeja todo o homem, deve ser buscado na alma. A infelicidade, portanto, está vinculada à ignorância.

A partir desse ponto, Agostinho entrará especificamente no que consiste o verdadeiro alimento para a alma, esse alimento será o tema do diálogo. Logo ele lança a pergunta, que é a principal temática da obra (1998, p.128): “Queremos todos ser felizes”?

Novamente Sangalli comenta:

“A ética agostiniana, marcadamente *eudaimonista*, faz jus ao pressuposto ético básico dos filósofos anteriores ao considerar a máxima de que *todos os homens tendem para a felicidade*. Nisto todos concordam. O problema surge ao tentar dizer ou determinar concretamente o seu conteúdo, o caminho para alcançá-la, o seu princípio ou causa e no que ela (tipo de vida) consiste”. (SANGALLI, 1998, p. 148-149).

O doutor de Hipona volta a questionar se quem não tem o que quer pode ser feliz. Todos em uníssono afirmam que não. Afinal, para que haja felicidade é necessário haver

³Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/nequ%C3%ADcia>. Acesso em: 05 maio 2019.

confluência da razão e da vontade. Entretanto, Mônica, mãe de Agostinho, deixa claro que não basta possuir essa vontade, mas que a mesma seja boa (1998, p. 128). Ou seja, a questão do livre-arbítrio emerge nesse momento. Só será feliz, portanto, aquele que tem o que quer, e se este for o bem que se busca de livre vontade.

Disto deriva uma pergunta: que tipo de bem; essa parece ser a pergunta de Licencio a Agostinho (1998, p. 128). Para responder, o autor de *De Beata Vita* parte pela via negativa:

“Isso significa ser necessário que se procure um bem permanente, livre das variações da sorte e das vicissitudes da vida. Ora, não podemos adquirir à nossa vontade, tampouco conservar para sempre, aquilo que é perecível e passageiro” (AGOSTINHO, 1998, p. 129).

Essa afirmação pode levar a concluir prematuramente que o Doutor da Graça acredita ser a posse de bens como algo ruim. Entretanto, fica evidente que ele não pensa assim. O problema não está nas coisas, mas na atitude humana diante das dádivas concedidas por Deus. Tudo foi feito por Deus de maneira certa, portanto, as coisas são boas. A problemática está na escala axiológica. Qual a hierarquia certa dos valores? O que é mais importante?

A verdadeira felicidade para Agostinho deve então consistir naquilo que não é perecível e que não muda; algo que não se tenha medo de perder ou de não ter, de forma que satisfaça plenamente o nosso desejo (1998, p. 130). O que seria isso? Para o Doutor da Graça somente Deus é permanente e independente de todo o resto, pois apenas ele é eterno. Comentando essa questão, Gilson (2006, p. 19) apresenta que “aquele que tem Deus é, portanto, o único que teria a felicidade e também, por conseguinte, o desejo de Deus é a única via que conduz à beatitude”. Portanto, há diferença entre a via (desejo de Deus, que se dá pela alma) e o objeto que proporciona a *beatitude* (Deus) e a *beatitude* em si (veremos que é se tornar semelhante a Deus, ao gozar de Deus).

Agostinho continua provocando a seus convivas: Quem possui a Deus? A resposta imediata de Adeodato é que feliz será aquele que vive bem, faz o que Ele deseja e não tem espírito impuro (1998, p. 131). Nisto, Agostinho caminha para o fim das discussões do primeiro dia e deixa o seu comentário sobre a resposta dada por seu filho para o dia seguinte.

4.3 Colóquio do segundo dia

No segundo dia é retomada a questão do possuir a Deus, fazer o que ele quer e não ter espírito impuro (1998, p. 137). Como bom pedagogo, Agostinho diz estarem meio estranhas as ideias, partindo daí para outra pergunta:

_ Quer Deus que o homem O procure? (1998, p. 138).

Mônica dá a resposta de que ninguém pode possuir a Deus sem procurá-Lo (1998, p. 138). Ou seja, abre-se a questão para uma busca de cunho ontológico e outra no campo ético-moral. Como — com a entrada do pecado na vida humana — torna-se possível afastar-se nesse campo, a busca deve ser, portanto, no espaço ontológico. Afinal, nenhuma criatura pode viver alienada do Criador.

Toda e qualquer criatura está vinculada ao Seu criador, o qual sustenta todas as coisas (Hebreus 1:3). Entretanto o mal faz a separação da criatura e o Seu criador (Isaias 59:2). Desta maneira, é necessário ao Homem voltar-se para Deus. Não no aspecto ontológico, pois é impossível viver sem a Sua graça. Mas, neste caso, no aspecto ético-moral, para ser feliz.

O diálogo se encerra nesse dia com a conclusão de Agostinho:

“Daí seguiria a necessidade de ser considerada infeliz a pessoa que possuindo a Deus de modo benévolo, pelo fato mesmo de estar em busca de Deus, não é feliz. Ou acaso como diz Túlio:

Chamamos ricos os proprietários de muitas terras, ao passo que consideramos pobres aqueles que possuem todas as virtudes” (AGOSTINHO, 1998, p 143).

O teólogo de Hipona encerra as atividades desse dia com um contraste entre aqueles que são donos de grandes riquezas, porém são pobres de espírito. Ao contrário, existem outros que possuem poucos bens, mas são providos de grandes fortunas de virtudes. A ideia é confrontar esses conceitos e indicar a grandeza de possuir a Deus, a verdadeira fonte da felicidade.

4.4 Colóquio do terceiro dia

Neste dia, Agostinho continua o diálogo, introduzindo então novos conceitos para caracterizar a felicidade. Aqui, pouco se ouve da fala dos convidados, ficando estes a desfrutar da sabedoria do mestre retórico.

Tomando como referência a questão da carência, Agostinho (1998, p. 144) coloca que não existe um estado intermediário entre a felicidade e a infelicidade. Disto deriva que o oposto da infelicidade é a felicidade, sendo esta a plenitude. Daí caminha a discussão, usando-se novamente a figura dos alimentos (1998, p. 149-150), para se destacar que não se é feliz pela moderação, na questão da alma, mas pelo conhecimento. Este é que leva o ser humano a dispor do autocontrole.

No caso, então, toda ação do sábio é dirigida pela sabedoria. Santo Agostinho (1998, p. 146) afirma: “Tudo o que ele faz será conforme às prescrições da virtude e da divina lei da sabedoria. Bens esses, que de modo algum lhe poderão ser arrebatados”. O que causa a infelicidade não é a falta de bens, mas a estultícia e a ignorância. Isso é o que torna o ser humano infeliz.

Portanto, para ser feliz é necessário sair da ignorância e caminhar rumo à plenitude, que não pode ser confundida com abundância, tendo em vista que plenitude é a medida exata.

“Onde há medida e proporção não existe nem a mais nem a menos do necessário. Aí se encontra precisamente a plenitude. Termo esse que opusemos à indigência. E é preferível o emprego da palavra ‘medida’ ao de ‘abundância’. Pois essa última traz certa ideia de afluxo e transbordamento, algo em profusão. Ora, onde há mais do que é conveniente, constata-se falta de moderação, pois o excesso ocasiona essa falta de medida” (AGOSTINHO, 1998, p. 153).

Agostinho dá continuidade, fazendo uso da história de Orata⁴, que dispunha de riquezas, mas sabia que a qualquer momento poderia perdê-las devido às vicissitudes da vida. “Possuía em abundância propriedades rendosas e amigos muito prestativos. Servia-se judiciosamente de tudo para seu bem-estar” (1998, p. 147).

Este homem era rico, mas não gozava plenamente da felicidade. Então, onde está realmente a felicidade? Certamente que não pode ser nas coisas materiais. O que faltava a ele era sabedoria, não posse de bens. Isso fica evidente pela afirmação abaixo:

“Portanto, ser feliz não é outra coisa do que não padecer necessidades, e isso é também ser sábio. Agora, se me perguntardes o que vem a ser a sabedoria — conceito a cuja análise e aprofundamento a nossa razão tem-se consagrado até o presente quanto pode — dir-vos-ei que a sabedoria é simplesmente a moderação do espírito (*modus animi*). Isto é, aquilo pelo que a alma se conserva em equilíbrio, de modo a não se dispersar em excessos ou encolher-se abaixo de sua plenitude. Sem essa medida, a alma atira-se em excesso na direção dos prazeres, da ambição, do orgulho e de todas as outras paixões do mesmo gênero. Por elas, os intemperantes, e portanto infelizes, imaginam alcançar alegria e poder. Ora, eles encontram-se, na verdade, diminuídos pelas baixezas, pelo medo, tristeza, cupidez e outras paixões. Sejam quem forem, esses infelizes reconhecem eles próprios que tais coisas fazem a infelicidade do homem. Ao contrário, quando alguém, tendo encontrado a sabedoria, faz dela o objeto de sua contemplação — para me servir de uma expressão deste menino (Adeodato, cf. III, 18) — e a ele se apegando (*ad ipsam se tenet*), sem se deixar seduzir por coisas vãs, sem se voltar mais para as aparências enganosas, cujo peso arrasta e submerge em profunda objeção, tudo se desfaz, por estar ele abraçado a seu Deus (*arnplexus a Deo suo*). Então, essa pessoa não teme mais a imoderação, nem carência alguma, e, por conseguinte, nenhuma infelicidade. Concluamos, pois, que toda pessoa para ser feliz deve possuir sua justa medida, isto é, possuir a sabedoria” (AGOSTINHO, 1998, p. 154 - 155).

⁴ Orata é personagem de Cícero no “Hortênsio”, o qual é um homem rico e sábio.

Nesse momento o diálogo assume nova direção, conduzido para o sentido da sabedoria: qual pode ser senão a de Deus? No caso, faz-se referência à encarnação do Verbo, Jesus Cristo, o qual, segundo o teólogo Norman Champlin (2001, p. 2573), é tomado como figura de sabedoria no livro de Provérbios, especificamente no capítulo 8. Agostinho expressa isso claramente afirmando que “(...) aprendemos pela autoridade divina, que o Filho de Deus é precisamente a Sabedoria de Deus (I Cor 1,24); e o Filho de Deus, evidentemente, é Deus. Por conseguinte, é feliz quem possui a Deus” (AGOSTINHO, 1998, p. 155).

A vida feliz, portanto, é possível por meio da unidade com o Pai, sua sabedoria encarnada no Filho e pela ação do Espírito Santo. É uma comunhão com toda a Trindade. Nisto consiste sua diferenciação em relação à filosofia clássica. A verdade é uma personificação de uma das pessoas da divindade, do *Logos* encarnado.

Nesse momento, próximo ao fim do diálogo, Agostinho (1998, p. 156) explica que o conhecimento da verdade em nossa mente se dá por um “impulso interior (*admonitio*) que nos convida a lembrar de Deus...a sentir sede Dele”. Esse impulso é a sede que nos leva à busca do divino:

“...forçados a reconhecer que ainda não nos saciamos da água dessa fonte. E servindo-me daquele termo "plenitude" empregado por Licencio, ainda não possuímos a plenitude. Não presumamos, assim, haver alcançado a nossa medida. Porque, também se certos da ajuda de Deus, ainda não atingimos a Sabedoria, nem, por conseguinte, a felicidade. Pois a perfeita plenitude das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente:

- _ por quem somos guiados até a Verdade (o Pai);
 - _ de qual Verdade gozamos (o Filho);
 - _ e por qual vínculo estamos unidos à Suma Medida (o Espírito Santo)”
- (AGOSTINHO, 1998, 155).

O comentarista Etienne Gilson (2006, p. 22) comenta que essa beatitude (felicidade) só é alcançada no Pai (Medida), por meio do Filho (A Verdade); e o que é apoderar-se da sabedoria? “... apoderar-se de Deus pelo pensamento, isto é, gozar dele”.

Finalizando, é de se destacar que em Agostinho a razão e a fé caminham juntas. A filosofia e a religião são dois lados da mesma moeda, que permite conhecer a realidade de Deus e do mundo criado por Ele. Na última parte do diálogo, Agostinho deixa de fazer uso de argumentos filosóficos e se concentra em pressupostos teológicos:

“Assim, pois, disse eu, já que a mesma moderação nos leva a suspender nosso festim pelo intervalo de alguns dias, dou graças com todas as minhas forças ao sumo e verdadeiro Deus, Pai e Senhor libertador das almas. E também a vós que, cordialmente convidados por mim, me cumulastes de dádivas. Pois fostes de tal ajuda em nossos colóquios que, não o posso negar, fui eu o saciado por meus convidados” (AGOSTINHO, 1998, 157).

Para o homem retornar a Deus e alcançar a visão divina Dele, deve não somente aceitar a graça, como se deixar guiar pelo caminho de Cristo através da sólida fé, da vida esperada e de ardente caridade. Esses três elementos não são gratuitos, e fazem referência ao capítulo 13 da primeira carta de Paulo aos Coríntios. A felicidade, portanto, deve ser buscada não pelo esforço humano, mas pela ação da graça divina como meio que permita “fruir” a felicidade. Nisto se apresenta a diferença entre a busca do ser feliz em Agostinho e nos filósofos do passado. A felicidade se concretiza na posse de Deus, em conhecê-lo plenamente pela graça Dele e plena fé na Sua Pessoa.

5 Algumas reflexões

Após considerar todo o arrazoado agostiniano, apresentamos abaixo alguns pontos de reflexão quanto à temática da felicidade para os dias de hoje. Esses pontos não são exaustivos, considerando-se a natureza deste trabalho. Contudo, apresenta de forma simples a relevância da filosofia agostiniana para os nossos dias.

Aparentemente a felicidade não se manifesta de forma única e exaustiva. Ao contrário, parecem existir camadas progressivas de felicidade, tendo em vista que no desenvolver da vida é possível experimentar novas formas de felicidade, as quais não estavam disponíveis em uma fase mais nova da vivência. Em muitos dos casos é possível ter prazeres em situações simples da vida como tomar um sorvete, aproveitar a companhia de alguém querido ou deliciar-se com um pôr-do-sol. Isso é pertinente em razão de um enriquecimento da experiência do real, o que é muito apropriado em uma era que valoriza o superficial.

Ainda o pensamento agostiniano parece convergir no sentido de as “coisas” serem percebidas pelo senso de unidade e coerência que vem pela experiência vivenciada. Assim, é compreensível que ter algum recurso não traz felicidade. Entretanto, possuir algo pode ser um instrumento para mobilizar ou difundir a plenitude daquilo que sentimos em um dado momento. Nesse caso, isso demonstra coerência entre aquilo que somos e possuímos. “As coisas” não definem quem é a pessoa. Porém, podem fazer que seja um meio para desfrutar de forma mais plena a realidade. O problema não está nas coisas, mas na atitude para com elas.

Também se destaca que cabe ao indivíduo escolher se deseja ou não ser feliz. Fazendo uso de uma psicologia simples, Santo Agostinho apresenta já na antiguidade o conceito de uma felicidade mais íntima, longe do conceito *eudaimonístico* grego. Cada pessoa pode realizar suas escolhas por meio do livre-arbítrio dado por Deus, escolhendo assim o caminho do Bem maior.

Mesmo não aproveitando plenamente todos os aspectos do conceito agostiniano, a ideia principal é a da possibilidade de fugir dos conceitos pré-formatados pela sociedade, a qual dita que ter o melhor carro, casa ou o maior número de bens é ser feliz. Santo Agostinho customiza essa ideia, apresentando ao indivíduo a capacidade de fazer a escolha que convém ante as suas necessidades.

Outro aspecto é que, para alcançar a felicidade é necessário o aperfeiçoamento do ego. Pode parecer estranho, mas buscar a felicidade pela obtenção de coisas é a perspectiva mais fácil e, também, a mais fugaz. Afinal, o desejo humano sempre conduz à busca de mais um objeto novo, ou sensação, levando à exacerbação da realidade para além dela mesma. Assim, para realmente ser feliz é imperativa uma reorganização interna do eu, a qual permitirá usufruir plenamente daquilo que se possui hoje.

Além do mais, a busca pela felicidade pode fornecer uma compreensão ainda mais ampla do sentido da liberdade. Uma má compreensão do conceito de liberdade vem criando grandes dificuldades para a vivência em comum. A compreensão agostiniana de felicidade deixa implícito que é necessário aproveitar os limites impostos por ela. O ego deverá ser trabalhado para compreender que nem tudo o que se deseja é realmente o que satisfaz. Tomando o amor como virtude maior, é importante aprender a dar espaço para o "outro", para aquele com quem se convive e cumprir com esmero as atividades que são impostas a cada indivíduo. A ação em favor do outro é umas das melhores maneiras de se desfrutar a liberdade em sua plenitude.

Igualmente, é importante destacar que as decepções e provas do cotidiano não podem servir de empecilhos para a felicidade. Atualmente as dificuldades apresentam-se como paralisadoras das ações dos sujeitos. O teólogo de Hipona apresenta outra face dessa questão. Os problemas podem servir como instrumentos para revelar quem é a pessoa, ficando explícitas as áreas que precisam de melhoria. Com tal compreensão é possível o aperfeiçoamento do ego, o que necessariamente conduzirá a uma vida feliz.

Finalmente, a ideia apresentada no diálogo destaca que o contentamento ainda é o melhor meio para ser feliz. Agostinho mantém a ideia estoica de que é possível ser feliz com pouco. Não se tem aí uma afirmação de passividade e de aceitação do que é pouco. Ao contrário, todo indivíduo necessita ter seu quinhão. Porém, os conselhos do bispo de Hipona destacam a necessidade de experienciar a vida de forma única, tendo a consciência de que a mesma é breve, o que impedirá a satisfação de "todo" o desejo que venha a se ter. Mesmo com toda a tecnologia disponível nestes dias e ainda que se vivesse 100 anos, não haveria suficiência de tempo e meios para experimentar absolutamente tudo. Assim, o contentamento é a chave para “saborear” em

sua plenitude aquilo que se tem agora, fazendo que o amanhã traga consigo as novas necessidades e preocupações.

6 Metodologia

Tomou-se como base a taxonomia proposta por Gil (2002), que destacou duas categorias para a metodologia da pesquisa científica: quanto aos fins e quanto aos meios. Portanto, quanto aos fins esta pesquisa foi desenvolvida com caráter exploratório, pois “proporciona maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”; seu objeto principal é o “aprimoramento de ideias ou a descoberta de instituições” (GIL, 2002, p. 53).

Noutro aspecto, a maioria dos casos de estudos exploratórios assumem a forma de estudos bibliográficos, os quais são realizados com um levantamento sistematizado, desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais e redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Esta fase foi conduzida com a leitura e fichamento da obra *De Beata Vida*, de autoria de Santo Agostinho de Hipona, como fonte primária, além da consulta a outras obras, como as de comentadores desse autor e artigos de revistas indexadas correlatos com a temática da felicidade, alegria, contentamento.

Aliado a isso, é relevante destacar que no estudo de um tema tão amplo quanto o da felicidade, foi necessário um escrutínio aprofundado das informações disponíveis sobre essa temática. Na filosofia, utiliza-se a pesquisa analítica, que envolve o estudo e avaliação aprofundados de informações disponíveis, na tentativa de explicar o contexto de um fenômeno. Nesse modelo, o investigador estabelece hipóteses, examina e analisa fatos existentes e sintetiza as evidências dentro de um modelo teórico estabelecido. A análise crítica desses fatos é o que caracteriza esse tipo de pesquisa, conforme se observou neste estudo.

7 Considerações finais

Agostinho de Hipona, cristão de influência platônica, teve um papel fundamental na síntese entre o cristianismo e a tradição clássica. Tomando por base o pensamento de Platão, o teólogo da graça deixou claro na sua obra *De Beata Vita* que a felicidade é um estado de exaltação em si mesma, uma preciosa recompensa pelos grandes trabalhos, empenho, dor e sacrifício suportados. Constitui a consumação e a coroação de glória de uma vida bem vivida, a qual precisa ser experimentada de maneira virtuosa, fruto da relação do ser humano com o seu Criador. Santo Agostinho constituiu-se em referência inescapável para quase todos os

pensadores que lhe sucederam, quer partilhassem das suas ideias, quer discordassem veementemente das suas teorias, ajudando a construir o pensamento do Homem moderno.

Pondo ênfase nas virtudes naturais, Agostinho afirma que a felicidade depende de escolhas corretas e racionais. Ao contrário de Plotino, que localiza a raiz do mal no corpo e na matéria, Agostinho culpa a instabilidade da alma, insistindo no livre-arbítrio do ser humano. A felicidade pode então ser definida como a salvação da alma, quando esta se afasta do orgulho e das paixões e ascende em direção a Deus, o “Uno”, a razão pura. A autêntica felicidade surge quando o indivíduo descobre Deus dentro de si. Ou seja, é um encontro pessoal com Deus, guiado pela senda da razão. Ser feliz ou encontrar a felicidade é uma construção racional séria, que marca a vida toda.

Ainda convém frisar que seus ensinamentos sobre a vida feliz podem ser aplicados na vida hodierna. Afinal, suas propostas apresentam a possibilidade de perceber que a felicidade não se encontra em um único momento ou experiência. Ao contrário, para experimentar a felicidade é importante viver bem cada fase da vida. Cada situação pode ser uma oportunidade para ser feliz. Além disso, é relevante compreender que as “coisas” não fazem de alguém um ser feliz. Ao contrário, elas podem servir como meios para desfrutar de forma ainda mais plena a realidade.

Para ser feliz é importante saber usar bem a liberdade disponível. Nesse caso, é imprescindível uma reorganização interna do eu, com ênfase nas relações consigo mesmo, com o próximo e com o divino. Certamente que entre as várias lições apresentadas, a felicidade agostiniana pode ser enfatizada como a necessidade de o Homem encontrar-se a si mesmo. Algo muito pertinente em dias tão complexos como os nossos.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO, Santo. **Solilóquios e A vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1998.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. de Maria Luiza Jardim Amarante. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**: contra os pagãos. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

AULETE, Caldas. **Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Dicionário Caldas Aulete, versão on-line. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/nequ%C3%ADcia>. Acesso em: 05 maio de 2019.

BROWN, Peter R. L. **Santo Agostinho**: uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 2006.

CASTAGNOLA, Luís; PADOVANI, Umberto. **História da filosofia**. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado**. São Paulo: Editora Hagnos, v. 4, 2001.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2006.

GREGGERSEN, Gabriele. Concepção de história em A cidade de Deus de Santo Agostinho. **ITINERÁRIOS – Revista de Literatura**, 2005. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2807>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PIGNATARI, Roberto Carlos; COSTA, Marcos Nunes. Jaspers e Heidegger em diálogo com Agostinho. **Civitas Augustiniana**, v. 6, n. 1, p. 69-128, 2018. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/ojs/index.php/civaug/article/view/3906>. Acesso em: 07 de maio 2019.

SANGALLI, Idalgo José. **O fim último do homem**: da Eudaimonia aristotélica à Beatitudo agustiniana. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

SANTANA, Ulisses Da Silva; **Gnosiologia em Santo Agostinho**: Veracidade na doutrina da iluminação. Artigo Monográfico (Licenciatura em Filosofia). Faculdade de São Bento da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/trabalhos-academicos-de-filosofia/5957824>. Acesso em: 23 fev, 2019.

SOUZA, José Zacarias de. **Agostinho**: buscador inquieto da verdade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001 (Coleção Filosofia; n. 124).

SOUZA, Mariana Rossetto; PEREIRA MELO, José Joaquim; JOAQUIM–UEM, José. A educação em Santo Agostinho: Processo de Interiorização na busca pelo conhecimento. *In*: IX Congresso Nacional de Educação–EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009, Curitiba. **Anais [...]**. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/1937_1302.pdf. Acesso em: 15 fev. 2019.